

30 ANOS DE ESCOLA DE EVANGELIZAÇÃO DA FAK: REFLEXÕES A PARTIR DE RELATOS DOS SEUS EVANGELIZANDOS

Débora Cunha Carramanho³⁰, Elvis Caldas Neves³¹, Joice de Jesus Machado³² e

Tatiana Michelle de Araújo Nobre³³

INTRODUÇÃO

A educação, desde o nascedouro da Doutrina Espírita, é tema de destaque no Movimento Espiritista, principalmente porque é considerada como imperiosa condição para o processo evolutivo humano, tanto no seu aspecto intelectual, como no moral.

Considerando a predisposição dos espíritos nas fases da infância e juventude para tal processo educativo, é, de maneira geral, uníssona a ideia de que as atividades da evangelização infantojuvenil devem se constituir prioridade em uma Casa Espírita. Entretanto, o entendimento do que constitui, efetivamente, esta atividade e dos mecanismos que envolvem suas dinâmicas e asseguram o atendimento de seus objetivos permanecem sendo um desafio, assim como a permanência e consolidação das equipes e das escolas de evangelização propriamente ditas.

Entende-se, em consonância com as diretrizes do Movimento Espírita, que a Evangelização Espírita Infantojuvenil encontrado no sítio eletrônico da FEB <http://www.febnet.org.br/blog/geral/estudos/o-que-e-evangelizacao-espirita-infantojuvenil/>

[...] toda a atividade voltada ao estudo da Doutrina Espírita e à vivência do Evangelho de Jesus junto à criança e ao jovem. Sua ação visa:

- promover a integração do evangelizando consigo mesmo, com o próximo e com Deus;
- proporcionar o estudo da lei natural que rege o Universo e da “natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal”; (KARDEC, Allan. O que é o Espiritismo. 2. reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2011. Preâmbulo.)
- oferecer ao evangelizando a oportunidade de perceber-se como ser integral, crítico, consciente, participativo, herdeiro de si mesmo, cidadão do Universo,

³⁰ Trabalhadora da Fundação Allan Kardec, atualmente na função de dirigente de grupos de estudos doutrinários (ESEJ). Trabalhadora da Federação Espírita Amazonense – FEA, atualmente membro do DIJ, e coordenadora estadual da infância espírita do Amazonas.

³¹ Trabalhador da Fundação Allan Kardec, atualmente na função de dirigente de grupos de estudos doutrinários (ESDE). Trabalhador da Federação Espírita Amazonense – FEA, atualmente adjunto na direção do DIJ e coordenador estadual da juventude espírita do Amazonas.

³² Trabalhadora da Fundação Allan Kardec, atualmente na função de evangelizadora da juventude da DEIJ.

³³ Trabalhadora da Fundação Allan Kardec, atualmente atuando na Diretoria de Apoio à Melhoria Interior - DAMI e Diretoria de Atendimentos Urgentes - DAU.

agente de transformação de seu meio, rumo a toda perfeição de que é suscetível (ROCHA, Cecília e Equipe. Currículo para as Escolas de Evangelização Espírita Infantojuvenil. 4. ed. 2. reimp. Rio de Janeiro: FEB, 2011).

Em cada instituição espírita, a evangelização formata-se de maneira diferenciada, devendo, todavia, abranger momentos de convivência, estudo, aprendizado, reflexão, compartilhamento de experiências e construção de vínculos de amizade, assim como, envolver pais e familiares, em grupos ou encontros voltados ao estudo à luz da Doutrina Espírita.

A Fundação Allan Kardec (FAK), por sua vez, desde 1979, conforme levantamento de Nobre & Silva (2009), já sediava uma escolinha de evangelização, embora ainda sob a responsabilidade da Federação Espírita Amazonense (FEA), a qual atendia cerca de 50 crianças. Não muito tempo depois, em 16 de fevereiro de 1980, a referida atividade passou a ser de inteira responsabilidade da FAK, então chamada de Hospital Allan Kardec.

A partir de então, a Escolinha de Evangelização, de acordo com Nobre & Silva (2009), passou por diversos aprimoramentos: decidiu-se pela ênfase na evangelização e não só na recreação, bem como pela divisão por ciclos, houve a indicação de um coordenador fixo para a atividade, passou-se a utilizar o currículo da Federação Espírita Brasileira (FEB); e em 22 de janeiro de 1983 foi criado o Departamento de Infância e Juventude (DIJ), e posteriormente, a atual Diretoria de Evangelização Infanto-Juvenil (DEIJ). Esses aprimoramentos e modificações acompanharam os movimentos de organização da casa e expressaram inúmeras mudanças: dia e horário de funcionamento; mecanismos de atendimento à família; métodos de formação de trabalhadores, entre outros.

Independente dessas adaptações, por esta escola de evangelização passam, semanalmente, mais de 150 crianças e jovens e assim tem sido, de maneira geral, nas últimas três décadas. Além da relevância expressada no número de participantes, tem sido característica desta atividade atender a um grande número de Espíritos que reencarnam em famílias de trabalhadores espíritas, que, de acordo com seus relatos, frequentam a FAK “desde sempre”, ou seja, por todo seu período de infância a juventude.

Não obstante, as incontáveis conquistas dessa atividade, em muitas ocasiões, questionou-se sobre os efeitos ou resultados alcançados. Esse processo, ainda que tácito, ocorre notadamente durante a juventude e a entrada na vida adulta, quando há a expectativa de ver aqueles que passaram sua infância e juventude na escola de evangelização, conversos em trabalhadores e estudiosos da doutrina. Essa expectativa tem sido, ao longo dos anos, por vezes, frustrada, e muitos destes Espíritos, por suas razões, escolhem outros caminhos que não o do trabalho e estudo na FAK.

Além disso, com alguma frequência, observa-se uma inclinação de certos jovens ou adultos jovens, por caminhos outros que parecem os afastar da reforma íntima. Certamente não é possível perscrutar as motivações, tendências e objetivos de cada ser, entretanto, em uma primeira análise, a indiferença ao desenvolvimento

dos valores morais, a adesão espontânea a comportamentos viciosos e outros convites do mundo, parece, preliminarmente, uma contradição ou um indicador negativo sobre os efeitos do conhecimento da doutrina, certamente não esperado pela equipe de evangelização. Nesse ínterim é preciso ressaltar que, conforme Alves (1998, p.24):

[...] a criança que recebemos hoje é, pois, este Espírito milenar, que retorna as lides da Terra para nova etapa evolutiva. Quantas existências já teve? Por quais civilizações já viveu? Que sentimentos desenvolveu no passado? Sentimentos nobres? Ideais elevados? Vícios depreciativos? Seja como for, este Espírito nasce para evoluir, reajustar-se com as Leis Divinas, desenvolver seu potencial interior e seguir o caminho evolutivo rumo à perfeição (ALVES, 1998, p ???).

Além disso, a evangelização, sendo uma tarefa de caráter educativo, não prescinde do livre arbítrio e vontade característicos do Espírito. Alves (1998, p.26) corrobora esse entendimento, esclarecendo que “o Amor e a sabedoria serão trabalhados pelo esforço próprio, movido pela alavanca da vontade, uma vez que o Espírito detém o livre arbítrio de seus atos e deverá, por força da Lei Divina, avançar pelo trabalho de si mesmo.”

Assim, instigados por essas reflexões e tendo em vista a condição diferenciada desta atividade, de permanecer em funcionamento após décadas e poder acessar seus antigos frequentadores, delineou-se como objetivo deste artigo:

- Elaborar uma caracterização preliminar da situação dos Espíritos evangelizados durante a infância e juventude na FAK, quanto à sua religiosidade e compromisso com a reforma íntima, assim como a influência da evangelização nesse processo, de forma a subsidiar reflexões a cerca dos efeitos e repercussões da escola de evangelização em suas vidas.

Para tanto, formulou-se um instrumento de coleta de dados (Apêndice A), disponibilizado eletronicamente, cujos questionamentos pretendiam:

- Traçar um panorama geral da situação dos espíritos após a evangelização, quanto à sua religiosidade e compromisso com a reforma íntima;
- Delinear a contribuição da experiência da escola de evangelização da FAK como ferramenta para o burilamento das imperfeições;
- Investigar a repercussão da experiência da escola da evangelização da FAK na consolidação de hábitos de espiritualização na fase adulta;
- Formular, a partir das respostas objetivas e relatos, reflexões iniciais sobre os efeitos da atividade e suas relações com os objetivos propostos pela evangelização.

Este artigo está estruturado em três partes: uma breve revisão bibliográfica sobre a evangelização, considerando sua relevância, objetivos e mecanismos de avaliação; apresentação dos resultados da coleta de dados e as reflexões correlatas;

e, finalmente, uma sucinta análise sobre a escola de evangelização e seus desafios, no item Considerações Finais.

DESENVOLVIMENTO

A relevância da Evangelização Infantojuvenil

Em O Livro dos Espíritos (1995, p. 372), os espíritos ressaltam que “Só a educação poderá reformar os homens [...]”. Na mesma toada, Kardec (1995, p. 241) comenta que “A educação convenientemente entendida, constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, conseguir-se-á corrigi-los, do mesmo modo que se aprumam plantas novas.”

Assim sendo, e sem olvidar a contribuição de outras atividades, a educação espírita, em especial a escola de evangelização infantojuvenil, tem papel relevante dentro dos centros espíritas, destacado por espíritos e divulgadores da Doutrina Espírita:

[...] é uma das mais importantes tarefas do movimento espírita por situar-se na base da educação humana (ROCHA, 2012, p. 108).

[...] a tarefa da Evangelização Espírita Infantojuvenil é do mais alto significado dentre as atividades desenvolvidas pelas Instituições Espíritas, na sua ampla e valiosa programação de apoio à obra educativa do homem. Não fosse a evangelização, o Espiritismo, distante de sua feição evangélica, perderia sua missão [...] (Espírito Bezerra de Menezes, Separata do Reformador, 1986, p. 10).

[...] É imperioso se reconheça na evangelização das almas tarefa da mais alta expressão na atualidade da Doutrina Espírita. [...] sua ação preventiva evitará derrocadas no erro, novos desastres morais [...].(Guillon Ribeiro (Página recebida em 1963, durante o 1o Curso de Preparação de Evangelizadores — CIPE, realizado pela Federação Espírita do Estado do Espírito Santo, pelo médium Júlio Cezar Grandi Ribeiro. Fonte: Apostila Opinião dos Espíritos sobre a Evangelização Espírita Infantojuvenil, FEB)

Na transformação moral de cada indivíduo justifica e fortalece a relevância das atividades, mas há também uma dimensão mais abrangente, que envolve o Movimento Espírita e, numa última instância, a própria sociedade, como elucidam Joanna de Ângelis e Bezerra de Menezes:

[...] Graças ao trabalho preparatório que se vem realizando, há anos, junto à criança e ao jovem, é que encontramos uma floração abençoada de trabalhadores, na atualidade, que tiveram o seu início sadio e equilibrado nas aulas de evangelização espírita, quando dos seus dias primeiros na Terra... (Joanna de Angelis, 1982 apud Dusi, 2012, p 25).

[...] Este ministério de preparação do homem do amanhã facultará ao Brasil tornar-se realmente “O coração do mundo e a Pátria do Evangelho”, conforme

a feliz ideação do Espírito Humberto de Campos, por intermédio de Francisco Cândido Xavier, traduzindo o programa do Mundo Maior em referência à nação brasileira (Joanna de Angelis, 1982 apud Dusi, 2012, p 25)..

A natureza e relevância da tarefa educativa devem, assim, expressar a responsabilidade dos condutores das atividades. Mediante esta responsabilidade, torna-se imperativo o exercício de constantes avaliações, com vistas à melhoria da qualidade da sementeira. Essa busca envolve: a fidelidade doutrinária; as boas relações estabelecidas no ambiente evangelizador; o cuidado pedagógico com recursos e métodos adequados; a união e harmonia da equipe evangelizadora; a adesão dos pais, etc.

Como parte de um processo de cuidado com a tarefa de evangelização, que inclui, também: a organização, a preparação sistemática dos trabalhadores, o processo avaliativo permite diagnosticar e reformular, representando suporte ao planejamento e à execução das atividades. Segue ainda a orientação de Santo Agostinho, expressa na pergunta 919 “Fazei o que eu fazia, quando vivi na Terra: ao fim do dia, interrogava a minha consciência, passava em revista ao que fizera e perguntava a mim mesmo se não faltara a algum dever [...]” (KARDEC, 1995, p.517)

Conforme as orientações do Currículo da FEB

[...] avaliar não é aprovar, desaprovar ou simplesmente medir conhecimentos. É, sobretudo, estar atento, no caso específico da Evangelização Infanto-Juvenil, aos resultados, isto é, às mudanças de comportamento, observáveis, ao longo do processo ensino-aprendizagem [...] (FEB, 2006, p 25).

Entretanto, é ao longo do tempo e na consolidação dos processos de maturidade do ser durante a encarnação que os ensinamentos, conteúdos e experiências da evangelização ganham significado e aplicabilidade. Nesse ínterim, os processos avaliativos ganham complexidade, principalmente considerando que:

[...] Em se tratando de Evangelização do homem, é fácil deduzir-se que os recursos (avaliativos) acima apontados se referem a comportamentos, que podem ser identificados por todos os integrantes do processo do aprendizado específico — da Doutrina Espírita e do Evangelho de Jesus —, porquanto as transformações internas, as grandes revoluções nos modos de sentir, de pensar e de agir constituem tarefa individual e dizem respeito à auto-avaliação de cada indivíduo, a caminho da evolução plena (FEB, 2006, p 26).

É também importante considerar que toda a ação evangelizadora encontra ressonância no coração infantojuvenil, mesmo que o retorno não seja expressamente manifesto de modo verbal, ou diretamente identificável dentro de um padrão esperado de comportamento ou reação.

Sem saber o histórico do espírito encarnado, sem conhecer suas tendências ou aptidões, e ainda, sem conhecer suas potencialidades enquanto ser, a avaliação sobre o efeito ou resultado esperado dos processos educativos da evangelização não poderá estar baseada em um modelo a ser atingido ou padrão pré-estabelecido. Não obstante, é necessário permanecer, sistematicamente, avaliando e mensurando, na medida das possibilidades, ainda que esta avaliação esteja focada nos aspectos mais imediatos observáveis via frequência, relato dos pais, planos de aula, entre outros.

É primordial, todavia, compreender o compromisso fundamental da evangelização é com a formação do Homem de Bem, e que, nesse ínterim, ainda que todas as variáveis controláveis estejam de acordo com o planejado, ainda assim caberá a cada individualidade decidir por sua melhoria íntima, ocasião em que a evangelização infantojuvenil é diferencial significativo.

[...] Dignificados pelo conhecimento e vivência dos postulados espíritas-cristãos que aprenderam na Infância e na Juventude, enfrentam melhor os desafios que os surpreendem, ricos de esperança e de paz, sem se permitirem afligir ou derrapar nas valas do desequilíbrio, da agressividade, da delinquência.”
Thiesen (In: Dusi, 2012, p 35)

Resultados e Reflexões

O formulário utilizado na pesquisa foi elaborado contendo um total de quatorze perguntas, dentre elas dez objetivas e quatro subjetivas. Foram encaminhados e-mails àqueles que foram evangelizados na FAK desde a infância, contendo um *link* <https://docs.google.com/forms/d/1smvg4ATgnTvmPt0YQL7WIUC03C6Tg5Cpa59DO6TX2ZU/viewformc=0&w=1&usp=mail_form_link> que direcionava o entrevistado diretamente ao formulário eletrônico. A opção pelo formulário virtual foi o meio que se encontrou para garantir o anonimato daqueles que responderam, permitindo, ainda, que fossem obtidas respostas menos formais e mais sinceras. O formulário foi encaminhado para cinquenta e quatro pessoas, obtendo a resposta de trinta, cujo extrato se encontra no Apêndice A.

1. Questões Objetivas

A partir da pergunta número 1, buscou-se identificar o ano em que o evangelizando nasceu, de modo a verificar em qual década o mesmo foi evangelizado na FAK. Assim, obtiveram-se os seguintes percentuais: 26,7% participaram da Escolinha de Evangelização na década de 70; 46,7% estudaram na década de 80, quando o *currículo* da FEB já estava implantado e 26,7% dos evangelizados iniciaram a sua evangelização na década de 90.

A segunda pergunta, que consistia em saber se houve ou não a conclusão dos estudos na escola de evangelização da FAK, com 76,7% dos participantes respondendo afirmativamente. O objetivo deste questionamento foi ratificar o período de permanência, de, aproximadamente 18 anos na Casa, período que inclui os 05 ciclos da infância e os 03 ciclos da juventude (até os 21 anos de idade).

Por sua vez, aqueles que não concluíram deram como justificativa o fato de ainda estar concluindo o 3º ciclo da juventude, tida como última etapa da evangelização de jovens, o que os aproxima do período de permanência estimado para participação na pesquisa.

Assim, vê-se que há um número expressivo de pessoas que iniciaram na evangelização infantil e que concluíram ou estão concluindo o último ciclo da juventude. Este dado indica que os pais, quando levaram o participante desde a tenra idade, confiavam na proposta da escola de evangelização; e a perpetuação dessa confiança se confirma, quando os mesmos, já na juventude, concluíram todos os ciclos.

A pergunta de número três consistia em identificar a atual religião do entrevistado, cujas respostas indicaram que 90% são espíritas; 3.3% são católicos; 3.3% têm outra religião e 3.3% não têm religião.

Diante destes percentuais, verifica-se que a permanência dos participantes como espíritas indica que os mesmos optaram por conservar a fé racionada, refletindo o que Emmanuel já dizia:

[...] A influência do Espiritismo, em verdade, à feição de movimento libertador das consciências, será precioso fator de evolução, em toda parte. [...]. Na religião, estabelecerá supremos valores interpretativos, liberando a fé viva das sombras que a encarceram na estagnação e na ignorância [...] (XAVIER, 1990, p.24-25).

A pergunta seguinte buscou, pois, saber sobre a prática religiosa, apontando que apenas 63,3% dos participantes frequentam e são voluntários em um local de práticas religiosas.

Esse dado demonstra que, embora 96,7% dos participantes tenham uma religião, 36,7% não estão vinculados a atividades voluntárias relacionadas. Esse percentual desperta atenção, pois a escola de evangelização deve estimular a continuidade na busca pelo conhecimento e automelhoramento, bem como a evidente prática da caridade e, portanto, o trabalho voluntário.

Novamente, é importante destacar que apenas esse dado não é conclusivo sobre o quão caridosos os participantes da pesquisa se tornaram. Entretanto, de maneira geral, espera-se que o contato com o trabalho no Bem, desde a tenra idade, estimule naturalmente a adesão futura. Assim corrobora Divaldo Franco, inspirado por Joanna de Ângelis:

[...] Graças ao trabalho preparatório que se vem realizando há anos junto à criança e ao jovem, é que encontramos uma floração abençoada de trabalhadores, na atualidade, que tiveram seu início sadio e equilibrado nas aulas de evangelização espírita, quando dos seus dias primeiros na terra [...] (FEDERAÇÃO, 1986, p. 24-25).

A questão número cinco buscou identificar qual o aspecto da evangelização espírita na FAK foi o mais marcante, obtendo-se as seguintes respostas: 36,7% como sendo os amigos que conheceu; 30% como sendo o conteúdo da Doutrina Espírita; 13.3% como sendo o ambiente; 10% como sendo o evangelizador e 10% como sendo os eventos realizados.

Esta questão evidenciou o importante papel das relações no estabelecimento dos hábitos e consolidação das experiências, o que seria natural, considerando a fase da adolescência. Todavia, chama atenção o percentual de apenas 10% de participantes identificando a figura do evangelizador como mais marcante, ficando atrás inclusive da resposta “ambiente”. Essa resposta, embora seja apenas um indicador da experiência vivida, deve ensejar reflexões sobre o papel e desempenho dos evangelizadores, que poderiam ter, talvez, uma repercussão mais significativa na memória dos seus evangelizando.

Todavia, o percentual de 30% de respostas pontuando a Doutrina Espírita como aspecto marcante pode indicar que o ensino espírita atendeu, de alguma forma, aos anseios dos participantes.

A sexta pergunta versava sobre a influência ou não da escola de evangelização da FAK na vida dos entrevistados. 60% das respostas foram positivas, enquanto apenas 3,3% responderam negativamente. Número expressivo de 36,7% indica, porém, que o colégio e demais experiências influenciaram tanto quanto a evangelização infantojuvenil.

Apesar de o índice ter sido favorável à evangelização como ação transformadora de um evangelizando, é digno de nota que um número expressivo considere que as experiências corriqueiras do dia a dia tenham tanta influência quanto os ensinamentos espírita-cristãos. Esse índice pode representar que o processo, com o tempo, foi malbaratado ou ainda, que o fato de estar sempre em contato com as questões espirituais tenha conferido a estas um caráter comum, ordinário.

Nesse sentido, percebe-se que a participação dos pais e responsáveis no processo de evangelização dos seus filhos se reveste de tal importância, de modo que os ensinamentos de Cristo sejam efetivamente incorporados no lar e que se reflitam nas ações do cotidiano. Outrossim, o dado deve ser levado em conta pela equipe de evangelização, pois pode representar uma oportunidade de revisão de métodos que tornem a experiência mais significativa frente às experiências mundanas.

A questão sete consistia em saber se o entrevistado se enxergava como ser espiritual. O percentual de respostas no sentido de se identificar como espírito em evolução foi de 96,7%. Os demais 3,3% identificaram-se como um ser que possui alma e aguardam a salvação.

Percebendo-se com um ser espiritual, a evangelização teve seu papel transformador para que os participantes respondessem que estão em uma caminhada de evolução. Embora ainda não seja um indicador definitivo de incorporação da moral espírita-cristã, esse dado revela que o primeiro passo contra o materialismo foi, efetivamente, alcançado nesse período de evangelização.

A oitava pergunta buscava saber, no que tange à conduta do entrevistado, sobre a aplicação dos aspectos morais dos ensinamentos do Cristo. Obteve-se o percentual de 70% daqueles que identificaram que os praticavam diariamente, enquanto 3,3% responderam que só os praticam quando lembram.

Extraí-se, disso, que a evangelização teve êxito ao transmitir os aspectos morais dos ensinamentos do Cristo para maior parte dos participantes. Com tais subsídios, e cientes de que são espíritos que trazem reminiscências de outras existências, buscam vivenciá-los no dia a dia, o que nos permite inferir que os participantes que assim assinalaram fazem a diferença na sociedade em que vivem.

Pesquisa com tom semelhante a esta pergunta foi feita por Nobre & Silva (2009) com adultos que frequentavam a Diretoria de Estudos Doutrinários (DED) da FAK, cujos resultados obtidos foram os seguintes quanto:

4.2 Percepção da relação entre conhecimento doutrinário e valor moral

[...] constatou-se que após o ESDE:

- a) 92% melhoraram o seu entendimento sobre moral em amplitude 'muitíssima' - ou 'bastante';

b) 92% consideraram que o melhor entendimento sobre moral contribuiu para melhorar seus valores em amplitude 'muitíssima' - ou 'bastante';

4.3 As mudanças efetivadas na conduta

[...] constatou-se que 99% dos participantes declararam possuir, após o ESDE, valores morais 'largamente maiores' ou 'um pouco maiores'.

É digno de análise o fato de que os participantes do ESDE que, de maneira geral, tem contato com a Doutrina enquanto adultos, tenham relatado maiores percentuais de melhoria de conduta. Sobre este fato, ressalta-se, em primeiro lugar, que resta claro que a atividade de educação espírita consegue transmitir os ensinamentos morais de Jesus, e ainda, propicia a obtenção de êxito quanto ao seu objetivo de permitir que o evangelizando consiga transformar-se, em especial quanto à vivência do evangelho, através de sua conduta cristã.

Todavia, seria natural esperar que aqueles que tiveram contato com a evangelização desde a infância tivessem uma maior incorporação de tais valores espírita-cristãos. Embora a natureza dos questionamentos e das pesquisas seja diferenciada, levanta-se aqui uma hipótese de justificativa baseada não apenas nas respostas e relatos coletados, assim como na experiência dos autores desse artigo.

Espíritos que reencarnam em famílias espíritas certamente são abençoados por poderem construir sua visão de mundo com base nos conhecimentos da Doutrina. Todavia, esses espíritos não representam, necessariamente, espíritos mais afeitos à prática espírita-cristã. Os pais, ao levarem seus filhos a Casa, antes mesmo que possam se dar conta desse processo e ao mantê-los nas atividades, ainda que tenham que obrigá-los a frequentar, estão a serviço da Providência Divina, que talvez observe a tendência desses espíritos de não procurarem, voluntariamente, um caminho de espiritualização.

O papel da evangelização, nesse sentido, seria de aproveitar enquanto crianças e jovens para investir o possível, não porque sejam espíritos propensos à causa, mas exatamente pela razão oposta. Certamente essa hipótese não pode ser generalizada, mas ela explica também porque, assim que transitam para vida adulta e podem optar pela continuidade ou não na casa, muitos se afastam voluntariamente.

Quando procurou-se verificar qual a percepção dos participantes quanto a si próprios, a maioria das respostas foi que embora as falhas, "sou um ser em rota de melhoria" (76,7%), alguns responderam "ainda cometo muitas falhas, não sou exemplo para ninguém" (13,3%); os demais responderam "acredito que poderia ser pior, mas também não sou tão bom quanto poderia" (6,7%) e "sou uma pessoa tentando sobreviver como todos os demais" (3,3%).

O percentual apontado mostra que grande parte dos participantes percebe-se na busca do burilamento e como citado no Evangelho Segundo o Espiritismo (ESE): "reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más" (KARDEC, 2006, p 311). O segundo maior grupo assumiu uma postura bastante crítica, o que pode denotar insatisfação consigo mesmo e indicar que, embora ainda insatisfeitos, há uma autocrítica e autoavaliação em curso, fator esse que pode desencadear mudanças significativas.

Por fim, a última pergunta consistia em saber se o entrevistado recomendaria ou levaria seus filhos à evangelização na FAK. Obtendo-se a percentagem de 83,3% como

resposta positiva, 10% como resposta negativa e 6,7% que possivelmente levariam, desde que conhecessem ou reconhecessem a atividade.

O percentual de 83,3% demonstra que, ao longo dos anos, foi construída uma relação de confiança entre os pais, responsáveis e evangelizando na Escola de Evangelização da FAK, a qual atende aos anseios de aprendizado de ambas as partes (pais e filhos).

Esse propósito é reforçado por Bezerra de Menezes, em resposta ao seguinte questionamento sobre qual a importância da Evangelização Espírita Infanto-Juvenil na formação da Sociedade do Terceiro Milênio:

[...] Considerando-se, naturalmente, a criança o porvir acenando-nos agora, e o jovem como adulto de amanhã, não podemos, sem graves comprometimentos espirituais, sonegar-lhes a educação, às luzes do Evangelho de Nosso Senhor Jesus-Cristo, fazendo brilhar em seus corações as excelências das lições do excelso Mestre com vistas à transformação das sociedades terrestres para uma nova humanidade [...] (FEDERAÇÃO, 1986, p. 7).

2. Questões Subjetivas

O Formulário de pesquisa também contou com perguntas subjetivas, visando abrir espaço para o desenvolvimento de ideias e análises mais abrangentes. Nesse ponto, a proposta foi apresentar perguntas relacionadas aos objetivos da escola de evangelização, ensejando o compartilhamento de percepções pessoais e experiências vivenciadas na atividade. A seguir segue um resumo das manifestações conforme a temática proposta pelas questões.

Quando solicitados a descreverem sua relação com a comunidade em que você está inserido, a maioria dos participantes descreveu uma relação harmoniosa com a comunidade, caracterizada pela postura cristã perante o próximo e pela consciência da importância da relação com o meio social para o alcance da melhoria individual.

Foi possível concluir que a reforma íntima é o grande mote para a superação de limitações individuais de interação social, ensejando esforço para superação e dedicação ao próximo.

As respostas divergentes apontaram pouco envolvimento com a comunidade, mas uma grande valorização e envolvimento com a família, denotando dedicação e prazer no convívio familiar.

Conceitos de fraternidade, caridade, humildade e bem-estar espiritual, foram constantes nas reflexões, indicando a permanência dos conceitos morais trabalhados na atividade de evangelização infanto-juvenil. Isso corrobora a orientação de Joanna de Ângelis:

[...] Como se assevera, com reservas, que o homem é fruto do meio onde vive, convém se não esquecer de que o homem é o elemento formador do meio, competindo-lhe modificar as estruturas do ambiente em que vive e elaborar fatores atraentes e favoráveis onde se encontre colocado a viver. [...] (FRANCO, 1994, p 54/55)

Questionou-se também sobre o papel do autoconhecimento em suas preocupações e de que forma isto se manifesta. Neste item, todos os participantes relataram que o autoconhecimento é uma preocupação permanente. A busca constante de conhecer os limites individuais, sentimentos e expectativas apontam uma necessidade do grupo de autoconhecimento por ser considerado a principal chave do processo evolutivo.

Poucos relataram dificuldades para lidar com o autoconhecimento, citando ausência de força de vontade e um pouco de insegurança. A maioria demonstra naturalidade ao tratar do tema, destacando a contribuição do autoconhecimento para uma vida equilibrada e para a relação com o próximo.

Tratando da forma com que o autoconhecimento está em sua vida, os participantes relataram, em sua maioria, uma preocupação diária em refletir sobre os próprios atos e se a conduta pessoal levou sofrimento a alguém.

O relacionamento com Deus também foi inquirido, quando se percebeu o relato da prática da prece como forma de se relacionar com Deus, indicando uma concentração no ato de orar como forma de contato com o Criador.

Das respostas destoantes destaca-se, de um lado, a resposta que considerou a prática da caridade como forma de relacionamento com Deus e, de outro lado, a narrativa de que esta relação só é possível pelo contato com símbolos materiais, por não ser possível sentir a presença de Deus.

Houve relatos considerando a relação com o meio (pessoas e natureza) como forma de relacionamento com Deus, denotando existir uma visão abrangente que considera Deus como um sistema e a relação com Ele se dá justamente pela interação com o meio, pela prática das leis morais.

Apesar de a maioria restringir a relação com Deus ao ato de orar, indicando absorção pouco abrangente dos ensinamentos espíritos, foi identificado que todos acreditam em Deus e na importância do diálogo com Ele na busca da paz interior e da felicidade.

Em seguida, questionou-se: **você acredita que a escola de evangelização espírita da FAK atinge os objetivos a que se propõe?** Neste quesito foi verificado que a maioria dos participantes não conhece ou não lembrava os objetivos da escola de evangelização. Em nenhum momento foi mencionado o alcance de um dos objetivos, já há muito tempo discutido entre os evangelizadores nas análises do Currículo da FEB, usado como referência na FAK e onde constam expressamente os objetivos.

Contudo, de forma indireta houve registros do atendimento dos objetivos pela importância dada à atividade na formação moral dos participantes. Nesse aspecto, todos afirmaram a influência positiva da evangelização na sua conduta e na forma de se relacionar com a vida e com o próximo.

Relatos divergentes que merecem ser destacados dão conta de um sentimento de frustração pela ausência de integração e excessiva carga de conteúdo e técnicas, priorizando uma atividade formal em detrimento a uma atividade relacional.

Apesar do aspecto supra destacado, em resumo, pode-se inferir que diretamente os participantes não lembraram dos objetivos expressos no currículo, mas consideraram que o objetivo da atividade é motivar a transformação do homem de bem, o que, segundo os relatos, foi atingido.

Analisando os relatos acima descritos e correlacionando-os com os objetivos da Escola de Evangelização Espírita, é possível afirmar que, neste aspecto, a atividade teve êxito. Esta afirmação funda-se nos relatos que destacam:

1. a melhoria íntima como principal contribuição para a melhoria pessoal e social;
2. a identificação do autoconhecimento como ferramenta primordial de evolução;
3. a necessidade de contato com Deus para o bem estar espiritual; e
4. a significativa contribuição da atividade na formação moral dos participantes.

Em alguns momentos os participantes expuseram suas insatisfações, demonstrando a salutar análise crítica e suas percepções de possíveis melhorias, mas ao mesmo tempo há uma preocupação em registrar o lado positivo e valorizar o esforço daqueles que se dedicaram, apesar de suas limitações, à atividade.

Dessa forma, mesmo com o registro das dificuldades e falhas das atividades foi constatado o sentimento de gratidão dos participantes, pois consideram-se pessoas melhores pela significativa orientação moral adquirida nos anos em que estiveram participando da Escola de Evangelização Espírita da Fundação Allan Kardec.

CONCLUSÃO

A pesquisa confirmou algumas hipóteses levantadas pela equipe, elucidou outros pontos e forneceu muitos subsídios para discussões sobre a atividade e seus desafios. Não havia, entre os pesquisadores, dúvida a respeito da importância e da relevância da atividade de evangelização para os indivíduos em suas encarnações e tais questões foram confirmadas pelas respostas e relatos.

O que foi possível observar, entretanto, é que as respostas apresentaram-se, de maneira geral, homogêneas nas diferentes gerações pesquisadas. Essa constatação revelou-se tranquilizadora, uma vez que, apesar das inúmeras adaptações necessárias no decorrer dos anos, a essência do trabalho permaneceu, de alguma forma, incólume.

Desta feita, é possível afirmar que as circunstâncias de uma Escola de Evangelização podem e vão se modificar com o tempo, se ajustando as novas necessidades e condições da casa. Todavia, a continuidade dos trabalhos assegurará que, do ponto de vista individual, o evangelizando será, seguramente, afetado positivamente nesse processo, ainda que, eventualmente, escolha caminho diferente do Espiritismo, como 10% dos participantes.

Todavia, é importante destacar que, no que tange às atividades da evangelização infantojuvenil, é natural a expectativa de continuidade por aqueles que um dia frequentaram suas salas, como elucidam os benfeitores espirituais Bezerra de Menezes e Joanna de Ângelis:

[...] Sem dúvida alguma, a expansão do Movimento Espírita no Brasil, em número e em qualidade, está assentada na participação da criança e do jovem, naturais continuadores da causa e do ideal. Entendemos que somente assim a Evangelização Espírita Infantojuvenil estará atingindo seu abençoado desiderato, não apenas pela expansão do Espiritismo no Brasil, mas, sobretudo, contribuindo para a formação do homem evangelizado que há de penetrar a alvorada de um novo milênio de alma liberta e coração devotado à construção de sua própria felicidade (Bezerra de Menezes, 1982 apud Dusi, 2012, p 17).

[...] os jovens da atualidade estarão chamados a exercer tarefas e atender a compromissos cujos resultados dependerão da formação que lhes seja dada, desde agora. Sendo a Doutrina Espírita a mais excelente Mensagem de todos os tempos — porque restauradora do pensamento de Jesus Cristo em forma compatível com as conquistas do conhecimento moderno —, é óbvio que a preparação das mentes infantojuvenis à luz da evangelização espírita é a melhor programação para uma sociedade feliz e mais cristã. (Joanna de Ângelis, 1982 apud Dusi, 2012, p 21)

Assim, ao observar que quase 40% dos evangelizandos optaram por não ter uma prática no Bem sistemática, e ainda que se considere que tais espíritos poderiam e estariam em pior condição se não houvessem passado pela experiência na evangelização, acredita-se, encontrar aí um desafio a ser encarado pela Escola de Evangelização, que deve se questionar: Se a evangelização tem logrado êxito em possibilitar a percepção da condição espiritual, da necessidade de autoconhecimento, da relação com o Pai, etc.; porque ainda vemos essa expressiva baixa no momento da transição de um frequentador para trabalhador?

Os relatos e a experiência dos pesquisadores demonstram que é possível identificar um momento crucial na transição para a vida adulta, quando, após 18 anos de participação na Escola de Evangelização da Casa e encarando uma série de novas situações da vida cotidiana como: a faculdade, o trabalho e as relações estáveis; os evangelizandos demonstram um certo enfado em relação às atividades, ou até mesmo, um arrependimento em relação ao tempo dedicado a mesma, como expresso em uma das respostas subjetivas.

Esse processo pode ocorrer em função da própria natureza do espírito, como já explorado no capítulo anterior, mas também pode decorrer de um esgotamento das fórmulas normalmente empregadas. Talvez isso explique porque os aspectos “evangelizador” e “eventos” tenham sido tão pouco marcantes na lembrança dos participantes.

É preciso considerar, então, dois elementos desse grande desafio: a possibilidade de existência de um grupo de espíritos que está “desde sempre” na Casa não porque queira, mas porque a bondade da Providência Divina não lhes permite escolher nesse momento; e a ocorrência dessa fase transitória, na qual o evangelizando já não se sente estimulado e a rotina acaba por permitir uma banalização das experiências, que não são mais suficientes para fazer frente aos convites do mundo.

Encontrar mecanismo de estímulo diferenciados, adequando as necessidades e interesses desses indivíduos e, principalmente, convidando-os a novas oportunidades e vivências ainda não conhecidas podem ser caminhos, mas certamente esse desafio merece ser amplamente discutido e aprofundado em momento oportuno.

Assim, conclui-se que a Escola de Evangelização da FAK, em seus mais de 30 anos de funcionamento, tem ajudado sobremaneira os espíritos que têm a benção de vivenciá-la, cumprindo muitos de seus objetivos. Há, todavia, um desafio colocado. Sabe-se que, orientados pela espiritualidade e imbuídos do desejo de

acertar, sem nunca olvidar que a tarefa pertence ao Cristo, seus dirigentes certamente saberão como abraça-lo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Walter Oliveira. **Educação do espírito: introdução à pedagogia espírita**. São Paulo: IDE, 1998.

DUSI, Miriam M. (Coord.). **Sublime sementeira: Evangelização espírita infantojuvenil**. 2. reimp. Brasília: FEB, 2012. Entrevista com Bezerra de Menezes, 1982.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Evangelização Espírita Infanto-Juvenil**. In: Separata do Reformador. Brasília: FEB, 1986.

FRANCO, Divaldo P./Por diversos Espíritos. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Evangelização Espírita Infanto-Juvenil**. In: Separata do Reformador. Brasília: FEB, 1986.

. In: SOS Família. 9. ed. Salvador: Livraria Espírita Alvorada, 1994a.

KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo o espiritismo**. Tradução de Guillon Ribeiro. 125ª edição. Rio de Janeiro: FEB, 2006, p. 311.

KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 76ª. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, questão 796. Comentário, p. 372.

_____. questão 917, p. 421.

_____. questão 919, p.517

MELO, Maria Lorena O. **Os Desafios do Trabalho de Evangelização InfantoJuvenil na FAK**. In: ANAIS III Simpósio da FAK, 2013, p. 365.

NOBRE, Joselita Cármen Alves de Araújo; SILVA, Maria Fabrício da. **A Fundação Allan Kardec e seu compromisso com o estudo doutrinário**. In: ANAIS I Simpósio da FAK, 2009, p. 83.
_____, p. 84.

NOBRE, Joselita Cármen Alves de Araújo; SILVA, Maria Fabrício da. **Doutrina Espírita: quem Estuda, Pratica**. In: ANAIS II Simpósio da FAK, 2011, p. 152-160.

XAVIER, Francisco Cândido. **A verdade responde**. Pelos Espíritos André Luiz e Emmanuel. Araras [SP]: IDE, 1990. Cap. 5, p. 24-26.

ROCHA, Cecília. **Por que é importante evangelizar?** In: Reformador. Rio de Janeiro: FEB, março de 2012. Nº. 2196 p. 108.

APÊNDICE A – FORMULÁRIO ELABORADO PARA A PESQUISA – uma cópia do formulário on line

30/09/2015

Evangelificação Infanto-Juvenil da FAK

Evangelificação Infanto-Juvenil da FAK

Respondendo às perguntas abaixo você está colaborando - muito - para o desenvolvimento de uma pesquisa sobre o desempenho da escola de evangelificação da FAK em seus 30 anos de existência,

1. Em que ano você nasceu?*Mark only one oval.*

- ☐ 1970 a 1975
☐ 1976 a 1980
☐ 1981 a 1985
☐ 1986 a 1990
☐ 1991 a 1995
☐ 1996 a 2000

2. Você concluiu todas as etapas da evangelificação infanto-juvenil da FAK?*Mark only one oval.*

- ☐ Sim
☐ Não

3. Se Não, indique qual foi seu último ciclo na FAK.

4. Qual sua religião no momento?*Mark only one oval.*

- ☐ Espírita
☐ Católica
☐ Evangélica
☐ Outras
☐ Não tenho religião

5. Sobre prática religiosa, qual das descrições abaixo mais se assemelha ao seu proceder:*Mark only one oval.*

- ☐ Não faz parte de minha rotina, apenas em situações esporádicas.
☐ Não tenho atividades religiosas em um local específico, apenas em minha casa,
☐ Evito locais de práticas religiosas ou afins.
☐ Frequento semanalmente um local de práticas religiosas.
☐ Frequento e sou voluntário em um local de práticas religiosas.

30/09/2015

Evangelifcação Infanto-Juvenil da FAK

6. Qual aspecto da evangelização espírita foi, em sua percepção, o mais marcante em sua experiência na FAK?

Mark only one oval.

- ☐ O ambiente
- ☐ O evangelizador
- ☐ Os amigos que conheci
- ☐ Os eventos realizados
- ☐ O conteúdo da Doutrina Espírita

7. Você acredita que a evangelização espírita na FAK influencia ou influenciou em sua vida?

Mark only one oval.

- ☐ Sim, na época que frequentava, mas hoje não influencia mais.
- ☐ Não é possível fazer essa avaliação.
- ☐ Sim, as escolhas que faço em minha rotina são baseadas nesses conhecimentos.
- ☐ Sim, da mesma forma que a escola e todas as demais experiências que tive na infância/juventude.
- ☐ Não, as escolhas que faço em minha rotina independem desses conhecimentos.

8. Você se enxerga como ser espiritual ?

Mark only one oval.

- ☐ Sim, tenho uma alma que aguarda a salvação.
- ☐ Tenho algo além do corpo, mas não sei definir o que sou.
- ☐ Sou um ser biológico pensante, da espécie homo sapiens.
- ☐ Não penso nesta questão.
- ☐ Sim, sou um espírito em evolução.

9. Quanto à sua conduta, você aplica os aspectos morais dos ensinamentos do Cristo?

Mark only one oval.

- ☐ Pratico-os diariamente.
- ☐ Pratico-os eventualmente.
- ☐ Quando preciso, lembro-me deles.
- ☐ São utópicos nessa sociedade atual.
- ☐ Não me lembro destes ensinamentos.

30/09/2015

Evangelização Infanto-Juvenil da FAK

10. Qual das descrições abaixo mais se assemelha a sua percepção de si mesmo?*Mark only one oval.*

- ☐ Não penso sobre isso.
- ☐ Embora as falhas, sou um ser em rota de melhoria.
- ☐ Acredito que poderia ser pior, mas também não sou tão bom quanto poderia.
- ☐ Sou uma pessoa tentando sobreviver como todos os demais.
- ☐ Ainda cometo muitas falhas, não sou exemplo para ninguém

11. Como você descreveria a sua relação com a comunidade em que você está inserido?

12. O Autoconhecimento faz parte de suas preocupações? De que forma?

13. De que forma você se relaciona com Deus?

14. Você acredita que a escola de evangelização espírita da FAK atinge os objetivos a que se propõe?

30/09/2015

Evangelifação Infanto-Juvenil da FAK

15. Você recomendaria ou levaria seus filhos a evangelização espírita na FAK?*Mark only one oval.*

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez, teria que (re)conhecer a atividade.

Powered by



APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE COLETA E RESPOSTAS

1. Em que ano você nasceu?

1970 a 1975	0	0%
1976 a 1980	8	26.7%
1981 a 1985	6	20%
1986 a 1990	8	26.7%
1991 a 1995	8	26.7%
1996 a 2000	0	0%

2.Você concluiu todas as etapas da evangelização infanto-juvenil da FAK?

Sim	23	76.7%
Não	7	23.3%

Se Não, indique qual foi seu último ciclo na FAK:

- Eu não iniciei a evangelização infantil na FAK
- 3º ciclo em andamento
- Não lembro
- Estou no terceiro C
- 3º Ciclo - A de Juventude
- 3 ciclo juventude
- 3º ciclo

3.Qual sua religião no momento?

Espírita	27	90%
Católica	1	3.3%

Evangélica	0	0%
Outras	1	3.3%
Não tenho religião	1	3.3%

4.Sobre prática religiosa, qual das descrições abaixo mais se assemelha ao seu proceder:

Não faz parte de minha rotina, apenas em situações esporádicas.	2	6.7%
Não tenho atividades religiosas em um local específico, apenas em minha casa.	5	16.7%
Evito locais de práticas religiosas ou afins.	0	0%
Frequento semanalmente um local de práticas religiosas.	4	13.3%
Frequento e sou voluntário em um local de práticas religiosas.	19	63.3%

5.Qual aspecto da evangelização espírita foi, em sua percepção, o mais marcante em sua experiência na FAK?

O ambiente	4	13.3%
O evangelizador	3	10%
Os amigos que conheci	11	36.7%
Os eventos realizados	3	10%
O conteúdo da Doutrina Espírita	9	30%

6.Você acredita que a evangelização espírita na FAK influencia ou influenciou em sua vida?

Sim, na época que frequentava, mas hoje não influencia mais.	1	3.3%
Não é possível fazer essa avaliação.	0	0%
Sim, as escolhas que faço em minha rotina são baseadas nesses conhecimentos.	18	60%
Sim, da mesma forma que a escola e todas as demais experiências que tive na infância/juventude.	11	36.7%

Não, as escolhas que faço em minha rotina independem desses conhecimentos.	0	0%
--	---	----

7.Você se enxerga como ser espiritual ?

Sim, tenho uma alma que aguarda a salvação.	1	3.3%
Tenho algo além do corpo, mas não sei definir o que sou.	0	0%
Sou um ser biológico pensante, da espécie homo sapiens.	0	0%
Não penso nesta questão.	0	0%
Sim, sou um espírito em evolução.	29	96.7%

8.Quanto à sua conduta, você aplica os aspectos morais dos ensinamentos do Cristo?

Pratico-os diariamente.	21	70%
Pratico-os eventualmente.	8	26.7%
Quando preciso, lembro-me deles.	1	3.3%
São utópicos nessa sociedade atual.	0	0%
Não me lembro destes ensinamentos.	0	0%

9.Qual das descrições abaixo mais se assemelha a sua percepção de si mesmo?

Não penso sobre isso.	0	0%
Embora as falhas, sou um ser em rota de melhoria.	23	76.7%
Acredito que poderia ser pior, mas também não sou tão bom quanto poderia.	2	6.7%
Sou uma pessoa tentando sobreviver como todos os demais.	1	3.3%
Ainda cometo muitas falhas, não sou exemplo para ninguém	4	13.3%

10.Como você descreveria a sua relação com a comunidade em que você está inserido?

- Na medida das minhas possibilidades e limitações de um ser ainda em evolução, procuro contribuir para a comunidade onde vivo, frequento e trabalho na casa espírita, mas ainda há muito a se fazer...tenho consciência que a contribuição poderia ser maior...e os amigos espirituais já fizeram várias cobranças nesse sentido nas mediúnicas que participei...
- É uma relação que permite colocar em prático aquilo que aprendi na escola de evangelização e que funciona como uma espécie de laboratório para o meu auto conhecimento.
- Relação de contribuição e aprendizado.
- -
- Já participei de programas de ações sociais, mas atualmente apenas ajudo esporadicamente em campanhas. Socialmente procuro agir com respeito e boa fé com qualquer membro da comunidade.
- Embora bastante desafiador, tento em vista que hoje em dia o errado parece o certo, tento vivenciar o evangelho na maior parte do dia.
- Meu trabalho como policial civil me obriga a lidar com as mais diversas classes da sociedade. Diariamente passo por situações críticas em que realmente a base do ensinamentos adquiridos na infância são de grande importância.
- Tento me sobressair dos demais, praticando atos auspiciosos e tentando manter uma boa vibração, entretanto as frustrações diárias(falta de compreensão para com próximo) que presenciamos, nos tirem do eixo.
- Não saberia responder essa questão.
- Relação de respeito e amor
- É uma boa relação. Estou sempre disposta a ajudar quando precisam.
- Uma oportunidade de melhora, crescimento e aprendizado a cada dia.
- Me esforço para contribuir
- Vivendo em uma cidade grande, a relação em comunidade não é muito frequente, somente escola do meu filho ou no trabalho. Neste ponto procuro ser atuante.
- Entendo comunidade, neste caso, como as pessoas que frequentam o mesmo centro espírita ao qual estou indo atualmente. neste caso, considero minha relação muito boa, interagindo com vários trabalhadores, de diferentes idades, bem como com as crianças que frequentam o centro. tenho participado e acho que contribuo para o bom desenvolvimento dos eventos realizados lá.
- Mantenho uma relação tranquila. Tenho poucos amigos, mas mantenho uma boa relação com todos ao meu redor. Meus grandes amigos estão na minha família: pais, irmãs, marido e filhos. Minha família é minha grande comunidade, com quem aprendo todos os dias, quem me consola e a quem tenho o prazer de ajudar quando precisam. Minha família é meu tesouro.
- É uma relação boa, eu me dou bem com todos, faço o meu trabalho da melhor maneira possível, apesar de não concordar com certas atitudes, o que importa é o que eu faço, a minha consciência.
- Tento ser e passar para os que estão a minha volta uma pessoa confiável, honesta, mas meu principal objetivo é minha relação como pai, tentando ser o melhor para minha filha.
- Ciente do respeito ao próximo e me esforço para praticar regra de ouro e faça aos outros o que gostaria que fizesse a mim

- Não me envolvo muito, estou mais vinculada a minha própria família, mas quando me envolvo, me dedico bastante.
 - Relaciono-me bem com respeito, tolerância, compreensão, paciência, alegria, solicitude...
 - Procuro sempre não julgar, reconhecendo que sempre erro. Sou uma pessoa amiga que sempre ajuda ao próximo na oportunidade em que noto essas oportunidades.
 - Atualmente estou apenas me dedicando a minha família! Cuidando do meu pai, esposo e filho.
 - Um relação de aprendizado com os erros e acertos na qual a vida nos apresenta.
 - Se comunidade se referir à família, minha relação vem crescendo a a cada dia; se se referir à coletividade de pessoas a que estou próximo com relação a bairro, não tenho ligações com eles.
 - Acho que tranquila, tento e acho que consigo lidar bem com as pessoas com quem convivo.
-
- 11. O Autoconhecimento faz parte de suas preocupações? De que forma?
 - Sim, procuro sempre entender quais são os meus sentimentos antes de tomar qualquer atitude, principalmente para não afetar o outro de maneira ruim.
 - Sim, me analisando no dia-a-dia para me perceber e não ultrapassar os meus limites.
 - SIM, PROCURO SEMPRE LER, CONVERSAR, PERCEBER AS MUDANÇAS NO MUNDO QUE GIRA AO MEU REDOR E COM ISSO APRENDER CADA DIA MAIS.
 - Com certeza, se reconhece o verdadeiro espirita pelo seu esforço. Algo que me incomoda bastante hoje, é que durante a minha adolescência toda, eu me dedicava muito às práticas dentro da doutrina e me privava de fazer certas coisas pelo fato de ser trabalhadora e jovem espirita. Não sei se isso fez bem pra mim, mas hoje em dia, com 21 anos, eu olho mais pra mim e faço o que eu tiver vontade, sim, eu sei das consequências, mas é como se eu não tivesse vivido da forma como eu queria, e sim por obrigação. Eu não vou deixar de ser trabalhadora, mas no momento quero resolver esse conflito interno, talvez eu não tenha entendido e vivido a doutrina da maneira certa, talvez me falte amor, e esteja saturada de teoria, eu não sei...
 - O autoconhecimento é uma questão pertinente todos os dias para mim, quanto mais sinto que estou me esforçando, mais sinto que preciso me esforçar mais.
 - Total. Apesar de ser algo complexo o auto conhecimento é fundamental em minha vida. Descobrir meus pontos fortes e pontos a melhorar. E formas de controlar o que sinto, o que emito, o que vivo
 - Sim. Reconhecendo meus defeitos e tentando melhorar a cada dia.
 - É uma preocupação constante. Tento entender as circunstâncias da minha vida, para entender o que Deus quer de mim e, para tanto, e para ter mais certeza em minhas escolhas, é necessário fazer muita reflexão íntima.
 - Sim, procuro sempre avaliar meus pensamentos e atitudes.
 - Sim, penso que só posso me melhorar conhecendo meus defeitos e minhas qualidades e pra isso preciso me conhecer.

- Sim, reflito sobre minhas atitudes, e procuro analisar em que ponto posso agir de forma diferente.
- Sim. Reflito sobre os movimentos que faço em relação a mim mesmo e ao meu próximo, pergunto-me se tal atitude, pensamento ou sentimento condiz com o que eu acredito.
- Sim. Sempre procuro refletir se estou agindo da melhor maneira e como posso me melhorar.
- Sim. Atualmente busco formas de utilizar o que sei para auxiliar o processo de melhoria, amor próprio e aceitação.
- Sim, porque procuro reconhecer minhas deficiências e busco desenvolver esses aspectos, entretanto não é sempre, conseguido utilizar esses conhecimentos mais em situações quando estou ansioso e/ou indeciso.
- Sim, o autoconhecimento ajuda a melhorar como pessoa e espírito para evolução.
- Sim, sempre analiso muito bem o ambiente, as situações, as pessoas e a mim, como me sinto e como posso me sentir melhor comigo.
- Sim, por que conhecendo a mim mesmo é possível evitar passar por determinadas situações que podem não ter desfechos positivos.
- Tento fazer isso, mas não tenho certeza se consigo. Me preocupo com isso, mas as vezes fraquejo nos meus objetivos
- Sim. Conhecer a si mesmo faz parte da evolução
- estudando e fazendo o bem com o proximo
- Sim, só pelo conhecimento de si mesmo é possível compreender os anseios e preocupações do meu próximo e alcançar uma paz mental.
- Sim. É um grande exercício. Muitas vezes difícil. Mas a reflexão e a busca por meu melhoramento é sempre uma meta; nem sempre alcançada. Formas: oração, trabalho no bem, estudo, terapia...
- Sim. A partir do momento que vc se conhece mais, vc pode realizar escolhas que realmente tenham influência no melhoramento moral e espiritual.
- Tento sempre agir da melhor forma em situações em que poderia agir de maneira negativa. Ultimamente tenho me conhecido mais pelas situações que tenho vivido.
- A partir deste ano o autoconhecimento tornou-se prioridade na minha existência. Agora, reflito quase que diariamente sobre a minha conduta (daquele dia), e tento não me cobrar tanto, pois o processo é gradativo.
- Com toda certeza. Quando nos conhecemos e nos reconhecemos como seres errantes e em constante evolução, identificamos com mais clareza os aspectos que podem e devem ser melhorados...o estudo na Casa Espírita nos ajuda a ter esse conhecimento das necessidades que temos enquanto espíritos, esclarecendo as dúvidas e dando direcionamento para continuar caminhando em busca da perfeição.

12. De que forma você se relaciona com Deus?

- Minha relação com Deus acontece no cotidiano das minhas atividades, nos momentos de oração, de muita alegria, de convívio com meus filhos e marido, no contato com a natureza e no meu exercício profissional.
- Em prece, ajudando o próximo quando possível.

- Orando, principalmente. Mas se considerar que buscar a natureza para silenciar é se relacionar com Deus, assim também o faço.
- -
- através de prece e refletindo se minha vida está de acordo com suas leis!
- Não faço isso diariamente, mas procuro valorizar essas oportunidades sempre.
- Apesar de as vezes achar Deus distante, consigo senti-lo quando procuro.
- Minha relação com Deus é a minha relação com a espiritualidade, seja nas preces, reflexões, leituras tudo me leva a Deus.
- De maneira bem amorosa, na verdade. Sei que estou bastante longe dele, porém tento entrar na sua trilha com as minhas práticas diárias. Acredito! Sempre acreditarei em Deus.
- rezando agradecendo e vivendo
- A gratidão é a melhor das formas que me relaciono com Deus. Procuro me sentir grato a ele nas "pequenas" e grandes situações.
- Em minhas preces diárias, no evangelho no lar, na atividade de evangelização e no esforço constante em ser partícipe e contribuidora em sua obra.
- Através de minhas atitudes em sociedade como todo e através da prece e o evangelho no lar.
- Em pensamento e atitudes
- De forma eventual, indireta e informal.
- Tentando aplicar seus ensinamentos em meu dia a dia.
- Procuro ter uma sintonia a todo momento, lendo, praticando o que estudo e buscando ser o melhor que posso ser
- Através de prece, pensamentos, gestos de caridade, amor com o próximo,
- Deus está meio distante de mim, me sinto mais confortável com Jesus, posso tentar ser como ele, ele esteve aqui, como eu, na matéria.
- Acredito que me relaciono com Deus em todo momento. Da maneira que convivo com as outras pessoas, nas minhas atitudes. Nessa tentativa de sempre a cada dia ser um pouco melhor que no dia anterior é uma forma de se relacionar com Deus.
- DA FORMA MAIS PRÁTICA, AJUDANDO QUEM PRECISA, RESPEITANDO A MIM MESMO E A NATUREZA AO MEU REDOR E EM PRECES.
- Por meio indiretos, através de imagens e símbolos. Torna-se difícil cultivar diariamente algo que não sentimos a presença.
- A minha relação com Deus é muito próxima, converso com ele como uma filha conversa com um pai, e sinto seu amor e as respostas para minhas preces no meu dia-a-dia, nos pequenos detalhes, assim como nas coisas grandiosas que acontecem em minha vida.
- Através da oração e gratidão.
- Nas minhas atitudes, no meu relacionamento com as pessoas, nas minhas reflexões, nas minhas preces, em casa, com meus amigos, na família, no trabalho.
- Me ligo a ele através da sua criação e através do meu trabalho com as crianças

- Acredito Nele, tenho muita fé, acredito que o bem ao próximo me aproxima de Deus e acredito também que tudo acontece com seu consentimento e por uma razão.
- Nas minhas orações, nos momentos de conquistas e de fracassos.

13. Você acredita que a escola de evangelização espírita da FAK atinge os objetivos a que se propõe?

- Na época sim, mas hoje em dia não poderia avaliar.
- Sem dúvida. hoje em dia meu filho frequenta. Fazemos evangelho no lar e isso colabora significativamente em nossa família
- As vezes. Tive evangelizadores que por mais que tivessem as melhores intenções estavam ali ensinando como se fosse uma matéria da escola como Português, matemática. É aquela coisa não adianta ler o evangelho inteiro e não extrair nada para as nossas vidas. Dentro da FAK é muito fácil praticar todos os ensinamentos do evangelho difícil é levar para as nossas vidas.
- A escola sim, mas depende muito do evangelizando querer aplicar o que lhe foi ensinado
- Sim, na época me fazia muito bem, me trouxe muitos conhecimentos e amigos até hoje.
- Até algum tempo antes de deixar de participar das atividades da FAK achava que sim, atualmente não tenho como opinar quanto a isso
- Acredito que sim.
- Com certeza. Mas tenho a percepção que esse processo é introspectivo, pois o meu parece ter sido um pouco mais adiantado que alguns.
- Sim, em todas as atividades existe reflexão, explicação, conversas. Acredito que faz a diferença.
- Depende de quais os objetivos. Se for o de transmitir o conhecimento espírita, sim. Se for o de torná-los ferramentas consoladoras e de suporte para mudanças pessoais, ainda não.
- sim
- Sim.
- Depende de quais são os objetivos a que a FAK se propõe.
- No meu caso, atigiu sim pois sou quem sou hoje graças a evangelização que tive, junto com a educação que meus pais me deram.
- Em parte sim, por que nem sempre se consegue se formar um ambiente que faça o jovem querer estar presente.
- não, a parte 'teórica' tornou-se carro chefe da evangelização e propostas de coloca-la em pratica tornaram-se um desuso, como por exemplo eventos dentro da casa espírita para o jovem, excursões e ate praticas de autoconhecimento. E quanto tem eventos, tornam-se inacessíveis para os jovens, pois mal é divulgado(menos os jantares beneficentes).
- Não sei exatamente quais os objetivos propostos, mas penso que em relação a uma escola de evangelização no geral ela falta em muitos aspectos. Sinto que somente tenho uma boa aula de evangelização, dinâmica, interessante e proveitosa, dependendo dos evangelizadores, pois se dependesse da DEIJ em si provavelmente não seria dessa forma, a coordenação aparenta não ser preparada, e apesar de procurar os jovens para saber suas opiniões parece que nada é feito a respeito.

- Sim. Toda vez que fico na abertura com a minha filha me emociono ao cantar as músicas que eu cantava quando criança, sinto a mesma vibração de quando frequentava como evangelizanda. Sinto apenas uma diferença com relação ao conteúdo repassado as crianças atualmente, acho que poderia ser mais explorado e aprofundado.
- Sim
- Sem sombra de dúvida. Todo tipo de conhecimento despertado e aprendido na FAK é levado a todo lugar que ando.
- Sim Pois no meu caso graças a ela sou uma pessoa mais tranquila, dificilmente me irritam por qualquer coisa, sou mais sereno do que muitos a doutrina mostra muito isso de se tornar uma pessoa que os fluidos que almejamos encontramos muito no estado de ser.
- Como toda atividade desenvolvida por seres humanos falíveis, nem sempre a Evangelização Espírita atinge seus propósitos porque, nós, trabalhadores da atividade nem sempre realizamos o trabalho com a dedicação que sua importância exige.
- Não existe centro espírita perfeito, logo, todo esforço é valido
- Sim, Pois quase 25 anos depois de frequentar a escola de evangelização espírita, ainda tento seguir o que foi ensinado. Para meu convívio na sociedade os ensinamentos espíritas foram essenciais para minha formação como cidadão.
- acredito
- Depende, em alguns aspectos. Mas se atingisse mesmo, todos os meus colegas de infancia, estariam comigo ate hoje.
- Em minha época como evangelizanda, sim. Hoje, a realidade social do jovem mudou muito e poucos centros espíritas conseguiram acompanhar tamanha mudança. Não tenho mais convívio com a evangelização da FAK para afirmar se ela conseguiu acompanhar essas mudanças e assim alcançar seus objetivos.
- Sim.

14. Você recomendaria ou levaria seus filhos a evangelização espírita na FAK?

Sim	25	83.3%
Não	3	10%
Talvez, teria que (re)conhecer a atividade.	2	6.7%